

## A CONCEPÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL DE APRENDIZAGEM E SUAS IMPLICAÇÕES NA ATUAÇÃO PEDAGÓGICA DO PROFESSOR.

**Angela Maria Dal Piva:** supervisora Escolar da Rede Pública de SC. Graduada pela UNIJUI. Especialista em Educação e Ensino pela UnC e Mestre em Educação e Ensino pela UnC/UNICAMP. Professora dos Cursos de Pedagogia e de Educação Física da FADEP, em 2002 e 2003. e-mail: [gulart@correios.com.br](mailto:gulart@correios.com.br)

**Resumo:** por acreditarmos que o homem se constitui como tal pelas relações que estabelece com seu meio social, político, histórico e cultural, neste artigo estaremos destacando a importância do professor como planejador, interventor e mediador no processo ensino/aprendizagem através da lei psicológica de Vygotsky denominada de "Zona de Desenvolvimento Proximal".

**Palavras-chave:** Vygotsky, Professor, ensino, aprendizagem

**Abstract:** we believe that the man does his man by relationship that establishes with his social way, politician way, historical way and cultural way. In this text we will emphasize the importance of the teacher as, projecting, intervening and mediating in the teaching learning process through by Vygotsky law's called "Zona de Desenvolvimento Proximal."

**Key Words:** Vygotsky, teacher, instruction, apprenticeship.

# **A Concepção Histórico-Cultural de Aprendizagem e suas Implicações na Atuação Pedagógica do Professor**

*Angela Maria Dal Piva*

## **1. CONCEPÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL DE APRENDIZAGEM**

Com a perspectiva de se construir um jeito diferente de ver o mundo e sua organização social, surgiu, a partir de Lev Semyonovitch Vygotsky (1996), a concepção histórico-cultural de aprendizagem, que, segundo Paulo Hentz, "embora seja uma vertente teórica relativamente jovem, também tem uma carga conceitual que a liga a diferentes momentos da tradição, desde a antigüidade" (apud, Proposta Curricular de Santa Catarina, 1998, p.16).

A concepção histórico-cultural, dá um novo entendimento sobre a origem e evolução do psiquismo humano, das relações entre indivíduos e sociedades e, conseqüentemente, vê um modo diferente de entender a educação. Tem como preocupação a compreensão de como as interações sociais agem na formação das funções psicológicas superiores, que não são determinadas biologicamente e sim é o resultado de um processo histórico e social.

A concepção histórico-cultural de aprendizagem é inspirada nos princípios do materialismo histórico-dialético sistematizados por MARX (1974) e ENGELS (1984) no século XIX, por isso considera o desenvolvimento da complexidade da estrutura humana como um processo de apropriação pelo homem de experiências históricas e culturais. Organismo e meio exercem influência recíproca no processo de apropriação do conhecimento cientificamente elaborado, o que comprova a associação do biológico com o social. Sob esta ótica, podemos dizer que o homem constitui-se como tal, através das interações sociais, transformando e sendo transformado nas relações estabelecidas em uma determinada cultura.

Tratando mais especificamente do materialismo histórico-dialético, constatamos que Vygotsky (1996) aí se apoiou por compreender, assim como Marx e Engels, que o homem se faz homem através da interação que provoca transformações recíprocas. Para o materialismo-histórico, o que pressupõe a história humana é a existência de indivíduos reais que organizam-se em torno do trabalho estabelecendo relações com a natureza, diferenciando-se da mesma, na medida em que são capazes de transformá-la segundo suas necessidades.

Ainda se tratando do materialismo histórico, considera-se que é através do trabalho que o homem atua sobre a natureza impulsionado pela necessidade de produzir seus meios de vida, diferenciando-o dos animais e explicando que é, pela produção que se explicita o caráter social e histórico do homem. Na atividade de

transformar a natureza, o homem estabelece relações com seus semelhantes, produzindo conhecimentos, construindo a sociedade e fazendo história. Isso significa que é um ser em permanente construção.

Segundo os princípios do materialismo histórico, o aparecimento da linguagem como veículo de comunicação e apropriação de conhecimento historicamente construído pela espécie humana ocorreu pela necessidade de intercâmbio entre os homens (no processo de trabalho descrito acima).

Para o materialismo histórico-dialético, é no processo de produção de vida material que o processo de vida social, político e econômico acontece. São as condições materiais que formam a base da sociedade que evolui por contradição e nos conflitos provocando as mudanças que ocorrem dialeticamente.

Visto que Vygotsky (1996) destaca a interação do indivíduo com o meio como determinante para a constituição do ser como homem, então rejeita as teses radicalmente contrárias que separam o inato e o adquirido. Seus princípios demonstram dar direção para a superação das concepções consagradas no campo teórico da Psicologia, indicando novas bases para a compreensão da atividade humana no processo de aprendizagem. Isso não significa que em sua abordagem ocorra uma junção entre fatores inatos e adquiridos, o que ocorre é uma interação dialética que se dá entre o ser humano e o meio social e cultural que está inserido.

O pensamento histórico-cultural se contrapõe ao inatismo porque prescreve características comportamentais universais do ser humano, e ao ambientalismo porque vê o indivíduo como resultado de um determinismo cultural, como um ser passivo que só reage frente às pressões do meio. Para Vygotsky (1996) o indivíduo é um sujeito capaz de realizar atividades intervindo no espaço social no qual está inserido, renovando sua própria cultura.

Vygotsky (1996) constituiu sua visão de desenvolvimento sustentada no entendimento de um organismo ativo, cujo pensamento é construído gradativamente num ambiente que é histórico, porém é, em suas raízes, social. Por isso, a concepção histórico-cultural destaca as possibilidades que cada indivíduo tem a partir do ambiente no qual está inserido e do acesso que cada ser humano tem a instrumentos físicos (mesa, cadeira, caneta, etc.) e simbólicos (cultura, valores, crenças, costumes, etc.) desenvolvidos por gerações passadas.

Ao longo da internalização do processo do conhecimento, "os aspectos particulares da existência social humana refletem-se na cognição humana: um indivíduo tem a capacidade de expressar e compartilhar com os outros membros de seu grupo social o entendimento que ele tem a experiência comum ao grupo". (Vygotsky, 1996. p.176).

A inexperiência da criança pela sua pouca vivência em relação ao adulto, torna-a dependente deste, que é, imensamente mais experiente. Porém, apesar dessa dependência de cuidados

prolongados de que precisa, ela participa ativamente do próprio aprendizado na interação com os espaços sociais (família / comunidade). A criança se beneficia de um contexto social já desenvolvido para seu aprendizado, adquirindo condições de expor e socializar com os outros as experiências que possui e as que são comuns ao grupo.

A partir do exposto, percebemos que existe diferença na formação da inteligência, entre uma criança que vive em um meio social intelectualmente rico e outra que vive em um meio social intelectualmente pobre. Ser mais ou menos capaz de acompanhar as atividades escolares deixa de ser visto como uma determinação social. Sendo assim, a criança e o conhecimento, se relacionam através da interação social, não havendo, portanto, uma relação direta do conhecimento com a criança, o que nos faz admitir que o conhecimento não existe sozinho, "existe sempre impregnado de algo humano" (Proposta Curricular, 1998, p. 17).

Esta exposição sobre o materialismo histórico-dialético, base de sustentação da concepção histórico-cultural de aprendizagem, nos faz perceber que o desenvolvimento das funções psíquicas humanas está intimamente relacionada à atividade material e ao intercâmbio entre os homens, sendo o sujeito, não um mero receptáculo que absorve e contempla o que está dado e sim um sujeito ativo que em relação com o mundo e seu objeto de estudo, reconstrói este mundo.

## **2. PAPEL E VALOR DO PROFESSOR NAS INTERAÇÕES SOCIAIS**

O termo interação social está intimamente ligado à proposta de Vygotsky (1996), na medida em que este autor adota uma visão de homem que é essencialmente social. É na relação com o outro que cada indivíduo, por intermédio da linguagem, se constitui e se desenvolve enquanto sujeito. Dessa maneira o ser humano não se encontra limitado a sua própria experiência pessoal e/ou a suas próprias reflexões. Pelo contrário, a experiência individual alimenta-se, expande-se e aprofunda-se em função da apropriação da experiência social que é veiculada pela linguagem.

Para Vygotsky (1996), as funções psíquicas do indivíduo são construídas na medida em que são utilizadas, sempre em dependência do conteúdo objetivo. Este conteúdo objetivo, constitui-se pela cultura da humanidade, de onde se afirma que a construção das funções psíquicas da criança não pode ser desvinculada da apropriação da cultura humana, porque "toda criança ao nascer só se humaniza e aprende a ser homem na medida em que se relaciona com os outros homens" (PIERON; apud; PROPOSTA CURRICULAR:1991, p.14).

Assim é possível considerar, que a apropriação cultural se dá, de forma ampla, e pelo processo educativo e, de forma mais restrita, no e pelo ensino, por parte do adulto ou companheiros mais experientes. Resumindo, o desenvolvimento cognitivo depende

tanto do conteúdo a ser trabalhado, como das relações que se estabelecem ao longo do processo de educação e ensino.

Daí, a constatação de que, a criança amadurece à medida que sob orientação de adultos ou companheiros mais experientes, se apropria da cultura elaborada pela humanidade. A criança se desenvolve ao ser educada e formada, de modo que a maturação se manifesta e se produz no processo de educação e ensino, ou seja, maturação e educação/ensino, constituem uma unidade indissolúvel, preservando ao mesmo tempo, a identidade de cada processo.

Nesta relação, adotar a posição de que o desenvolvimento das funções psíquicas e, portanto, a própria construção do ser humano se dá no processo de apropriação das conquistas realizadas por gerações precedentes, significa reconhecer o caráter eminentemente social do ser humano.

Se o papel da escola é o de promover a construção de determinados conhecimentos, é preciso que ela propicie interações onde os alunos participem ativamente de atividades específicas. As interações sociais fazem-se necessárias sempre que não for possível se alcançar, em isolamento, a solução para um dado problema; cada aluno deve se responsabilizar por parte do processo de construção de conhecimentos para que, num esforço conjunto, a solução seja alcançada.

Interações sociais que contribuem para a construção do saber e são consideradas educativas, referem-se a situações bem específicas, tais como: as que exigem coordenação do

conhecimento, articulação da ação, superação de contradições. Para tanto, é preciso que certezas sejam questionadas, o implícito explicitado, lacunas de informações preenchidas, conhecimentos expandidos, negociações estabelecidas, decisões tomadas. Porém tal interação, ocorrerá apenas na medida em que houver conexão entre os conhecimentos a serem construídos e o universo vivido pelos participantes.

O que assegura a cada participante de uma interação social o direito de pensar, de expressar seu conhecimento, de negociar suas idéias, de criar outras a partir de discussões realizadas, de agir conforme o concluído, é a ação pedagógica do professor voltada para a concepção histórico-cultural. Cabe a ele garantir as relações que se estabelecem entre os alunos, evitando que uns calem, outros apenas obedeçam e outros ainda dominem.

A ação pedagógica do professor se torna vital quando se pretende tornar as interações sociais na sala de aula em instâncias formativas para todos os que dela participam. Tal ação pedagógica, deve acontecer sobretudo, no estabelecimento de um quadro de referência que oriente a interação social através de regras claras e explícitas, de modo a torná-la a mais educativa possível.

O papel do professor passa a ser de planejar situações educativas que promovam uma aprendizagem efetiva, aquelas que requerem uma elaboração ativa para que haja apropriação, aplicação e reestruturação do conhecimento já disponível. Para isso é preciso que o professor seja mais adiantado no processo de conhecer, mais

preparado para organizar, integrar e apresentar o conhecimento a seus alunos de modo a lhes facilitar a aprendizagem. Ao conceber atividades bem pensadas coordenando e orientando os alunos, ajudando-os a superar os entraves que aparecem ao longo da construção do saber, o professor é parte ativa e integrante da interação.

### **3. INTERAÇÃO E MEDIAÇÃO NA ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL**

A afirmação de que *o conhecimento é uma construção de aprendiz* (KLEIN,1997) vem sendo interpretada de maneira espontânea, como se fosse possível, os alunos aprenderem os conteúdos escolares simplesmente por serem expostos a eles. Esse tipo de desinformação, acompanha a emergência de práticas pedagógicas inovadoras, e tem assumido formas que acabaram por esvaziar a função do professor.

O ensino concebido como a prática educacional que organiza a mediação entre sujeito e objeto do conhecimento é o que garante a indispensável atuação do professor que deverá planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço da ação e reflexão do aluno.

Ao colocar a educação como primordial para o desenvolvimento e para a socialização da criança, Vygotsky reconheceu ser necessário uma teoria que enfatizasse a forma de despertar a criança de seu estado atual (real) de desenvolvimento ou aprendizagem para um outro patamar, para o novo, para o que ainda não conhece comparável às realidades da história, da cultura ou da ciência. Isso também, porque compreendia que toda função de desenvolvimento cultural da criança entra em cena duas vezes: primeiro no social, nas relações entre pessoas como categoria intrapsicológica; depois, no interior da criança, como categoria interpsicológica. Portanto, aqui já identificamos a importância do papel que o professor desempenha ao mediar o mundo para a criança.

Essa teoria aparece na lei psicológica de Vygotsky (1996), que a denominou de Zona de Desenvolvimento Proximal. O sentido geral de "zona" é que, num determinado estágio de desenvolvimento, uma criança pode resolver uma certa gama de problemas apenas sob orientação de adulto, e em colaboração com companheiros mais experientes, não sabe fazê-lo independentemente. Se tratando do conhecimento escolar, quem desempenhará o papel de adulto será, obviamente, o professor.

Para que fique mais claro, segundo Vygotsky (1996), as possibilidades de aprendizagem, não estavam na dependência do nível de desenvolvimento alcançado pela criança. Ele pensou o desenvolvimento mental não apenas retrospectivamente pelos

processos que nela já amadureceram, mas principalmente prospectivamente pelos processos que ainda estão em formação. Então, elaborou o conceito da Zona de Desenvolvimento Proximal, que tem importantes implicações educacionais. De acordo com esse conceito, “todo bom ensino é aquele que se direciona para as funções psicológicas emergentes” (FREITAS:1995, p.104).

Isto nos leva a entender, que o ensino deve recair sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal, estimulando processos internos maturacionais que terminam por se efetivar, passando a constituir a base para novas aprendizagens. Ao atender a esse princípio, o professor estará encaminhando a criança para aquilo que ela ainda não é capaz de fazer sozinha, centrando-se na direção das potencialidades a serem desenvolvidas.

A partir daí, compreendemos que a ação pedagógica do professor deve estar voltada não para o passado, mas para o futuro do desenvolvimento que está, no momento, na Zona de Desenvolvimento Proximal. Cabe ao professor provocar o aluno e criar condições para que ele caminhe e viva seu processo sem atropelo.

Enquanto o Nível de Desenvolvimento Real caracteriza o desenvolvimento de forma retrospectiva, a Zona de Desenvolvimento Proximal o faz de forma prospectiva, ela permite delinear o futuro imediato da criança e o seu estado dinâmico de desenvolvimento. A zona de Desenvolvimento Proximal de hoje, será o Nível de

Desenvolvimento Real de amanhã, se a atividade de ensino, tarefa do professor, for significativa.

A ação educativa do professor, que permite aos alunos dar saltos na aprendizagem e no desenvolvimento, é a ação sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal, para torná-la um novo Nível de Desenvolvimento Real.

Atuar no Nível de Desenvolvimento Real, ou trabalhar com o aluno naquilo que ele já sabe, sem oferecer algo novo, é o mesmo que fazê-lo perder tempo, uma vez que a repetição do conhecimento nada acrescenta ao que adquiriu ou elaborou até o momento. Tentar forçar o aluno a trabalhar com questões com as quais não tem nenhuma familiaridade, além de causar a rejeição, traz as dificuldades próprias de trabalhar com algo totalmente desconhecido.

Reafirmando, a Zona de Desenvolvimento Proximal, ou seja, o que o aluno consegue fazer com o auxílio de alguém, significa o espaço daquilo que o aluno tem noção, mesmo que vago, mas não domina totalmente. Atuar neste campo, implica em eliminá-lo, incorporando-o ao que o aluno tem sob seu domínio intelectual. A eliminação da Zona de Desenvolvimento Proximal, incorporando-a ao Nível de Desenvolvimento Real, implica em sempre abrir uma nova Zona de Desenvolvimento Proximal, pois a cada novo conhecimento sobre o qual o aluno possa ter domínio intelectual, abrem-se novos conhecimentos. Isto significa também, de alguma forma, que só se

aprende a partir do que já se sabe, bem como só se elabora novos conhecimentos a partir dos que já se tem.

Quando o professor, em um atendimento mais individualizado, primeiro lê para a criança, depois lê com a criança um livro de sua escolha, está fazendo uma leitura em atraso, o adulto completa as lacunas necessárias. Esta cooperação ou intervenção do professor é que chamaríamos de trabalho na Zona de Desenvolvimento Proximal. O professor está ajudando a criança em uma atividade que em breve estará fazendo sozinha.

Novamente tomando como exemplo a leitura, o professor tem também sua importância, quando conversa e discute a leitura feita, quando seleciona os livros que os alunos vão escolher, todos adequados a competência dos leitores, assim como ao seus interesses, com critérios como: ilustração, texto escrito e qualidades plásticas do livro.

Quando aprendizagem é um resultado desejável de um processo deliberativo, explícito, intencional, a intervenção pedagógica do professor é um mecanismo necessário e indispensável. A escola, que exige além da presença do aluno, também a do professor, é o lugar onde o processo intencional de ensino/aprendizagem ocorre. Ela é a instituição criada pela sociedade letrada para transmitir determinados conhecimentos e formas de ação do mundo, sua finalidade envolve processos de intervenção que conduzam à aprendizagem. Diferentemente das situação informais em que a criança aprende por estar introduzida

em um ambiente cultural informador, na escola o professor é uma pessoa real, fisicamente presente diante daquele que aprende, com o papel explícito de interferir no processo de aprendizagem, provocando avanços que não ocorrem espontaneamente.

Assim, no percurso de desenvolvimento de um indivíduo, o processo de ensino/aprendizagem é essencial, que pode acontecer de forma proposital, pela ação explícita e voluntária de um professor que dirige esse processo, envolvendo quem ensina, quem aprende e a relação entre essas pessoas. Os procedimentos regulares que ocorrem na escola (demonstração, assistência, fornecimento de pistas, instruções, questionamentos, debates) são fundamentais para a promoção de um ensino capaz de provocar o desenvolvimento. A intervenção do professor tem pois, um papel central na trajetória dos indivíduos que passam pela escola.

Do nosso ponto de vista, a função do professor, na ótica da concepção histórico-cultural, é oferecer toda a informação necessária para que os alunos possam avançar na construção do conhecimento sobre o qual estão trabalhando. A única intervenção que o professor não pode fazer é a que impede as crianças de elaborarem suas próprias estratégias para resolver o problema colocado. O professor é um informante fundamental. Embora não seja a única fonte de formação e conhecimento na sala de aula, sua palavra é a mais autorizada. A informação fornecida pelo professor é considerada verdadeira e segura pelos alunos, pois ele é o

representante do saber socialmente aceito como válido na sala de aula.

Podemos dizer ainda, que o professor em seu papel de ensinar, pode favorecer a discussão sobre os problemas formulados, coordenar diferentes pontos de vista e orientar para a resolução dos problemas colocados. Dessa forma, facilita a comunicação, incita explicitação das idéias colocadas, salienta as concordâncias e as diferenças, decide em que ordem serão discutidas, recorda dados e conclusões prévias pertinentes à discussão, coloca contra exemplos, faz com que as normas estabelecidas para a discussão sejam respeitadas.

Atualmente está bastante claro que o professor desempenha um papel fundamental na interação entre pares (grupos de trabalho). Não só por torná-la possível e coordená-la, mas porque ele pode conhecer quais são as interações que permitirão aproximar-se do conhecimento socialmente válido, e ir orientando o processo até aquilo que os alunos devem construir.

Considerando o que foi explicado até aqui, resumimos dizendo que o professor personifica-se como elemento detentor de um conhecimento historicamente produzido pela humanidade, portanto, é um profissional capaz de realizar a mediação necessária entre a criança e esse conhecimento. Visto isto, não cabe mais limitar sua atuação a de "animador", "estimulador", "motivador", ele assume a responsabilidade de uma interferência efetiva, real nesse processo, transmitindo os conceitos e informações necessárias para

que o educando aproprie-se dos conhecimentos construídos ao longo da história da humanidade como instrumento desafiador para a descoberta e construção de novos conhecimentos.

O grande desafio do professor, é romper com o papel da escola de mera transmissora de conhecimento pela sua ação mediadora da Zona de Desenvolvimento Proximal para construção e reconstrução do conhecimento. O professor também vai construindo seu próprio saber, vai aprendendo enquanto ensina. A construção do conhecimento acontece coletivamente, mediado pela linguagem, pelo diálogo.

#### **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CASTORINA, J. A. , FERREIRO, E. , LERNER, D. et. al. **Piaget – Vigotsky – Novas contribuições para o debate**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1996. (Série Fundamentos).

DANIELS, H. (Org). **Vygotsky em foco: pressupostos e desdobramentos**. 3 ed. Campinas – SP: Papirus; 1997.

FREITAS, M. T. de A. **Vygotsky e Backhtin – psicologia e educação: um intertexto**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1995. (Série fundamentos).

FONTANA, R. A. C. **Mediação pedagógica na sala de aula**. Campinas – SP: Autores Associados, 1996. ( Coleção educação contemporânea).

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1984.

KLEIN, L. R. **Alfabetização: quem tem medo de ensinar?**. 2 ed. São Paulo: Cortez; Campo Grande: UFMS, 1997.

MARX, Karl. **O dezoito de brumário de Luiz Bonaparte**. In. Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1974.

MONLEVADE, J. **O perfil do trabalhador em educação e as novas demandas sociais**. Revista de Educação da CNTE – Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, Brasília: ArtGraf, ano III, n.º 3, p. 59-65. dez. 1996.

REGO, T. C. **Vygotsky – Uma perspectiva histórico cultural da educação**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, RJ, 1997. (Coleção educação e conhecimento).

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação e Desporto. **Proposta Curricular**. Florianópolis: SED, 1991.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado da Educação e Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas Curriculares**. Florianópolis: GOGEN, 1998.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado da Educação e Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Temas Multidisciplinares**. Florianópolis: GOGEN, 1998.

SMOLKA, A. L. B. , GÓES, M. C. (Orgs). **A significação nos espaços educacionais – interação social e subjetivação**. 2 ed. São Paulo: Papyrus, 1997.

VYGOSTKY, L. S. **A formação social da mente**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.